

América Latina: as cidades e as idéias. José Luis Romero. Trad. Bella Josef. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. 424p.

Rogéria C. Alves
Suellen M. P. de Oliveira*

“América Latina: as cidades e as idéias” de José Luis Romero ocupa um lugar destacado na historiografia, já que poucas obras analisam um período tão longo quanto o abordado no livro – dos primórdios da colonização da América até o capitalismo do século XX – propondo uma gama de questões importantes para o estudo da História da América Latina.

A obra foi publicada em 1976, no início do último golpe militar na Argentina. A editora do livro, Siglo Veintiuno, foi fechada e seus donos exilados do país, por conseguinte o livro virou um mito e foi publicado em várias edições clandestinas. Destarte, a recepção inicial da obra foi fraca, uma vez que as salas de aula das principais universidades estavam vazias e muitos pesquisadores estavam enclausurados devido à repressão da ditadura militar.

A narrativa consiste em uma análise de fontes secundárias aliada ao método comparativo, cujo objetivo é abordar as cidades e as idéias em um espaço identitário expresso pelos estilos de vida e estrutura urbana em diferentes lugares da América Latina.

O autor defende a idéia de que as transformações econômicas estão associadas ao espaço, influenciando a mudança de idéias e estilos de vida. Essa idéia central é eruditamente desenvolvida através de descrições recortadas em fontes impressas da época, como por exemplo, a literatura viajante, romances, jornais, entre outros.

* Graduandas em História pela UFOP.

HISTÓRIA SOCIAL	Campinas – SP	Nº 13	249–252	2007
------------------------	---------------	-------	---------	------

Sua análise também cita uma série de outros trabalhos acadêmicos, a exemplo de Oliveira Viana e Gilberto Freire, os quais ele denomina como os “ideólogos das Oligarquias”. No entanto, o livro ressurte de notas de roda-pé explicativas e de citações teóricas diretas, o que não compromete a leitura do mesmo e a compreensão de alguns termos dotados de significações específicas, tais como “classe senhorial”, “classe burguesa”, “barroco-burguês”, “sociedade híbrida”, “sociedade anômica”.

A expressão “classe senhorial” designa um grupo marcado pela religiosidade que crê em uma concepção transcendente da vida, contraposta à expressão “classe burguesa”, detentora de uma concepção profana e naturalística da vida.

O termo “barroco-burguês” designa a confluência entre dois mundos: o moderno e colonial. A nova burguesia não horizontalizou seus costumes e isto aprofundou ainda mais as diferenças entre o campo e a cidade.

Sociedade “Híbrida” é outro termo importante empregado no livro, que caracteriza o processo de convivência e trocas entre as diversas culturas que se encontraram na América, desde os tempos coloniais até o período burguês, com a vinda dos imigrantes.

Na análise das cidades no século XX, ele caracteriza a sociedade como “anômica”, formada pelas massas que ocupam um não-lugar. Essa anomia se deve a incapacidade de incorporar grupos sociais advindos do êxodo rural, que provocam a massificação das cidades.

O livro possui sete capítulos; o primeiro deles, “A América Latina na Expansão Européia”, é uma análise do processo de formação das novas sociedades americanas, a partir do século XVI.

O segundo capítulo, “O Ciclo das Fundações”, esclarece as questões acerca do processo de ocupação do território, relatando também a existência de uma mentalidade fundadora que possibilitou aos europeus a conquista de diversas áreas.

“As Cidades Fidalgas das Índias”, o terceiro capítulo, tem por tema central a descrição do estilo de vida fidalgo nas cidades latino-americanas. Há também uma análise dos diversos processos políticos que eram intrínsecos a esta sociedade.

No capítulo quatro, “As cidades criollas”, a idéia central é a expansão das relações comerciais, a partir da segunda metade do século XVIII, quando a sociedade adquiriu formas locais e a elite crioula passou a confrontar-se com a elite peninsular que assumiu a ideologia reformista do Iluminismo e, sob outros ideais revolucionários, que circularam na América, organizou as guerras de independência.

A sociedade crioula organizou, mas não foi a responsável pela construção dos novos estados. Foram as elites patricias, formadas em um espaço de transição entre lugares urbanos e rurais, entre idéias iluministas e românticas, progressistas e conservadoras, as responsáveis pela construção do esboço do que seriam os países independentes. Política e literatura eram inseparáveis nas “Cidades Patricias”, de que trata o quinto capítulo.

O sexto capítulo, “As cidades burguesas”, compreende um período de 1880 até 1929, nesse momento o desenvolvimento industrial transformou não só a estrutura social das cidades, como também a sua fisionomia. Fisionomia essa marcada pela arquitetura urbana inspirada em modelos parisienses, porém implementadas pela grandiosidade barroca. A *art nouveau* na América construiu casas muito luxuosas em detrimento dos casarões coloniais e muitas cidades melhoraram sua infra-estrutura, no entanto estas reformas não se estenderam do centro para as cidades provincianas, nelas ainda sobreviveu o estilo patricio.

O sétimo e último capítulo “As cidades massificadas”, compreende o período da crise de 1929 até a atualidade. Para o autor, as crises sucedidas às guerras mundiais enfraqueceram o mercado internacional e, conseqüentemente, atingiram as cidades latino-americanas. Esse contexto de crise iniciou o processo de massificação das cidades caracterizado pela fusão dos grupos populares e levas de imigrantes do campo advindos do êxodo rural, que ocuparam a periferia

das cidades, organizaram-se em guetos isolados e reagiram de maneira violenta a este quadro que o autor classifica como “anômico”. O livro encerra-se nesse capítulo, haja vista que é na contemporaneidade que a última “mutação” do espaço pode ser observada, a época que o autor escreve.

O termo “América Latina” utilizado pelo autor para designar o espaço em estudo refere-se, até mesmo, ao território colonial. Entrementes, é sabido que o mesmo foi alcunhado na contemporaneidade. Resta uma indagação: será que a história da “América Latina” pode ser projetada para quando ela não existia? Seja como for, o termo também pode ser lido como metáfora de uma experiência comum às transformações ocorridas nesse amplo território.

Em última instância, “América Latina: as cidades e as idéias” pode ser comparado com um outro livro tão “pioneiro” quanto esse: *La méditerranée et le monde méditerranée a époque de Philippe II* (1946) de Fernand Braudel, já que Romero sugere uma análise das transformações culturais do espaço, no tempo da longa duração. Decerto que os objetos investigados por ambos são distintos, porquanto, o alcance reflexivo e o horizonte de questões propostas em relação ao tempo e espaço são semelhantes.

A publicação da tradução dessa obra no Brasil com o objetivo de divulgar o trabalho desse historiador argentino transparece a reflexão histórica conjunta, que vem sendo realizada entre as autoridades brasileiras e argentinas por ocasião das negociações do Mercosul. Essa obra é meritoriamente um clássico da História da América Latina em virtude do trato metodológico utilizado pelo autor, que se diferencia dos seus contemporâneos argentinos por investigar a estrutura urbana para pensar as idéias e elementos culturais próprios do território latino-americano.

